

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

ROGER JOUSSAUME, *Des Dolmens pour les Morts. Les Mégalithismes à travers le Monde*, Paris, Hachette, 1985, col. «La Mémoire du Temps», n.º 4.398 p.; il.

O autor desta obra é investigador do *Centre National de la Recherche Scientifique*, repartindo o seu trabalho por duas grandes áreas, a do Centro-Oeste francês, nomeadamente a da região da Vendaia, onde reside, e a da Etiópia, país onde tem dirigido inúmeras escavações em monumentos megalíticos, cujos resultados reuniu em livro, há alguns anos (*Le Mégalithisme en Éthiopie. Monuments funéraires protohistoriques du Harar*, Addis-Abeba, 1974). A «vertente» francesa da sua pesquisa condensou-se na exaustiva tese de doutoramento que em 1981 apresentou à Universidade de Rennes I, a cujo Laboratório de Antropologia e Pré-história se encontra vinculado (*Le Néolithique de l'Aunis et du Poitou Occidental dans son cadre atlantique*, 625 p.). Animador de uma associação local de pesquisa arqueológica, o «Groupe Vendéen d'Études Préhistoriques», que edita regularmente um boletim, Jousaume procede actualmente à escavação metódica de um povoado neolítico com fossos, o de Champ-Durand (Vendaia), bem como de um notável conjunto de *tumuli* neolíticos, o de Champ-Chalon (Charente-Maritime). Sobre este último publicará um artigo de introdução no vol. 14 da revista *Arqueologia* (Porto, GEAP), de Dezembro de 1986.

Integrado numa colecção dirigida por J. Guilaine, onde já saíram duas importantes obras sobre a Pré-história recente francesa, o novo livro de Jousaume pretende ser uma síntese sobre o vasto conjunto de monumentos funerários que, um pouco por todo o mundo, se convencionou designar «megalíticos». Percebe-se que um autor que tem trabalhado sobre tais monumentos em França e na África Oriental tenha experimentado a vontade de desafiar um tema tão vasto e heterogéneo. Os títulos dos vários capítulos dão uma ideia do cenário mundial subjacente à obra: «A Europa do Norte»; «As Ilhas Britânicas»; «A França Ocidental»; «A França do Norte e de Leste. A Suíça»; «A França do Sul, a Catalunha e o País Basco»; «A Península Ibérica»; «As Ilhas do Mediterrâneo e a Itália Peninsular»; «A África, A Península Arábica e Madagascar»; «O Próximo Oriente: Síria, Líbano, Israel, Jordânia»; «O Cáucaso»; «A Índia»; «O Extremo-Oriente: China, Coreia, Japão»; «A América do Sul: a Huila na Colômbia». Um prefácio e uma conclusão — demasiado sucintos proporcionalmente ao corpo da obra — completam o volume, enriquecido com uma bibliografia fundamental sobre assuntos gerais, e sobre cada um dos capítulos tratados.

A utilidade e interesse de um trabalho desta natureza são evidentes: ele veio preencher uma lacuna que se fazia sentir desde há muito, uma vez que não existia uma obra que introduzisse o leitor interessado numa visão de conjunto do fenómeno megalítico, encarado à luz das perspectivas actuais. Esgotada, e desactualizada pela introdução do método do radiocarbono a partir dos anos 50, a clássica obra de G. Daniel, que só abordava os megalitos europeus (*The Megalithic Builders of Western Europe*, 1958), faz já parte da história das pesquisas. E nenhuma a tinha vindo condignamente substituir, apesar do assunto ser abordado no fascinante livrinho de C. Renfrew, *Before Civilization*, traduzido para francês com o título *Les Origines de l'Europe*, em 1983.

Mas, justamente, a primeira interrogação que se nos põe é se não teria valido a pena consagrar um volume só à Europa, deixando talvez para um segundo momento a abordagem dos restantes núcleos espalhados pelo mundo. É que, em termos de Pré-história, é bem evidente que estamos perante fenómenos que nada têm a ver uns com os outros, nem cronológica, nem culturalmente. Será a tipologia das construções (ela própria tão variada) suficiente para conferir unidade a um tal empreendimento, que envolve monumentos que vão desde o IV.º milénio a.C. até à época histórica, e, em certos casos, até à actualidade? É claro que o autor não procura reeditar visões difusionistas à escala do globo, do tipo das que Fergusson avançou no séc. XIX, e que a sua intenção última foi mesmo a de pôr à disposição do grande público uma obra de divulgação que se contraponha à literatura especulativa, de objectivos puramente comerciais (no mau sentido) e sem qualquer estatuto científico, que infelizmente prolifera neste, como noutros domínios da Arqueologia. Mas, terá valido a pena gastar todo um prefácio a discutir tais fantasias? É discutível. Quanto a nós, cremos que o silêncio (mas não a inactividade) é a melhor resposta à falta de qualidade ou de honestidade intelectuais.

Por outro lado, a consideração de que em Arqueologia existem «modas» como na «alta costura» (p.34), parece-nos escamotear um aspecto muito mais profundo e importante, que é o das formas de evolução do pensamento científico, e particularmente o da sucessão de paradigmas que têm presidido à interpretação dos dados arqueológicos. A obra de C. Renfrew, por exemplo, em que se chama a atenção para a complexidade dos fenómenos culturais e para a necessidade da Arqueologia se assumir como uma ciência social, está muito para lá da simples substituição de uma perspectiva difusionista (segundo a qual todas as criações culturais, incluindo o megalitismo, teriam origem oriental) por outra poligenética, motivada por razões superficiais. Tem a ver com todo um amadurecimento conceptual da Arqueologia que tem ecoado insuficientemente na Europa continental (pelo menos em França e na Península Ibérica) e para o qual haveria, precisamente, que advertir os leitores. Difusionismo *versus* «independentismo» é uma dicotomia (invocada na p. 49, por ex.) evidentemente simplista, como o autor bem sabe. Por outro lado, parece subjacente ao discurso de Jousaume a velha ideia da contraposição dos «factos» (os únicos seguros) às «teorias» (sempre discutíveis e sujeitas a serem rebatidas a qualquer momento por novos factos) (v. por ex. p.58 e p.64), ideia que é do senso comum e parece relevar de uma atitude positivista algo estreita. Todo o estilo do livro — mau grado o seu interesse e as inúmeras e estimulantes reflexões de pormenor — é a nosso ver excessivamente descritivo, acumulativo, sem o verdadeiro espírito da síntese que se poderia hoje esperar de uma obra sobre tão complexo fenómeno. Fenómeno cujas linhas de força têm de se procurar por vezes a uma escala mais ampla do que a do simples comparativismo de arquitecturas e espólios, visando explicar quais as condições históricas que poderão ter levado povos tão diferenciados no tempo e no espaço a exprimirem-se através de uma arquitectura «megalítica». Como escrevia Renfrew no prefácio na sua obra, hoje clássica, «*Before Civilization*», já atrás referida: «Parece que no estádio actual de desenvolvimento da nossa disciplina, temos necessidade de uma espécie de arqueologia comparada, que nos permita discernir os processos que se encontram, com características semelhantes, em trajectórias de desenvolvimento independentes. É o único meio de ultrapassar os particularismos e as contingências dos contextos espácio-temporais individuais para aceder a uma compreensão real do desenvolvimento das primeiras sociedades humanas (e daquelas que se lhes seguiram), para explicar de modo coerente por que é que as coisas mudam e como é que acabaram por se tornar naquilo que são.»

Enfim, é pena que, após trabalho tão longo, Joussaume acabe por levantar, na sua conclusão, pergunta tão obviamente simplista como esta: «(...) os dólmen, por esse mundo fora, serão devidos a geração espontânea em diversas partes do globo, ou a uma difusão a partir de um centro original?» (p. 370). A essa escala é evidente, à luz dos dados actuais, e como o próprio autor afirma na p. 372, que «temos de encarar numerosos centros de criação independentes separados por longas distâncias e afastados no tempo.» Tão evidente, que não é preciso realizar tão extensa análise para o demonstrar. O que já é redutor é ver a neolitização do Ocidente da França como «o resultado de uma colonização vinda do Sul mediterrânico e passando pela periferia da Península Ibérica no fim do VI^o mil. a.C.», etc. (p.371). Não é preciso ser especialista do assunto, basta ler uma obra como *Ancient France* (Edinburgh University Press, s/d.), para ver como a realidade é bem mais complexa, e que não podemos reduzir o megalitismo europeu ao ritual de enterramento colectivo (um dos últimos redutos de alguns difusionistas como Savory), nem a movimentos de «influências» que teriam levado o dólmen de corredor do Sul para o Norte da Europa, fazendo-o aí entroncar com outra «tradição», a dos *tumuli* alongados... Quando se aperceberão os autores que propugnam estas ideias de que há que superar a velha concepção «histórico-normativa» das «culturas», para nos abirmos à verdadeira complexidade dos processos de evolução cultural; quando intuirão, finalmente, que não é por meio de «movimentos» de grande amplitude, sejam de povos ou de ideias, que nos acercaremos da multiplicidade de escalas à luz da qual há que encarar os fenómenos pré-históricos? Ou que, por outras palavras, as «culturas» não são entidades orgânicas, com linhas filéticas a uni-las, mas o resultado de complexas teias de inter-relações, das quais os testemunhos arqueológicos não são um mero espelho passivo?... Enquanto estas perspectivas persistirem, manter-se-á sempre a atracção do grande público pelas explicações sensacionalistas, afinal bem mais emocionantes do que as obras puramente descritivas, que não *explicam* (ou tentam explicar) o que é realmente importante: o devir histórico.

Vitor Oliveira Jorge